

MARÉ

DE NOTÍCIAS



A praia também é nossa!

Matheus Ribeiro, da Vila do Pinheiro, surfa, ensina o esporte e prova que a Zona Sul também é nosso território.

PÁGINA 3

Cortes no orçamento e demissões em massa precarizam ainda mais a área de Saúde

PÁGINAS 4 E 5

Gírias da favela enriquecem o nosso idioma, dizem estudiosos

PÁGINAS 8 E 9

Projeto leva jovens da Maré para conhecerem as belezas e prazeres da nossa cidade

PÁGINA 14

DOUGLAS LOPES



Ataques à Educação

Nova Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio e proposta de ensino a distância para crianças de 7 a 14 anos deterioram o papel da escola e da educação no País.

PÁGINAS 10 E 11

Periferia tech

Com criatividade e muita garra, favelados criam tecnologias e inovações que vão dar o que falar.

PÁGINAS 12 E 13

GATO MÍDIA



EDITORIAL

E 2019 chegou! Como sempre, neste período do ano, renovamos nossos planos, reativamos nossos sonhos e zeramos o cronômetro, para começarmos mais um ciclo que, sempre, esperamos que seja de paz, saúde e prosperidade. Essa energia de um “recomeço” é contagiante e legítima. Mas não podemos – nem devemos – nos esquecer de antigos problemas que persistem por décadas e sequestram dois direitos básicos e fundamentais de todos nós: o direito à educação e à saúde de qualidade. E sobre esses dois temas falaremos um pouco nesta Edição.

Embora não queiramos, de maneira alguma, travar as esperanças de dias melhores, por dever de ofício, cabe a nós, jornalistas, informar aos cidadãos da nossa comunidade sobre os ataques que as áreas de Educação e de Saúde vêm sofrendo – e, ao que tudo indica – devem ser ainda mais fortes e constantes neste ano que se inicia.

Como cidadãos, precisamos ficar atentos e exigir daqueles que elegemos como nossos representantes que providências emergenciais sejam tomadas para que nós, nossos filhos e entes queridos não fiquemos expostos, não soframos as consequências de uma política que não privilegia a Educação nem a Saúde.

Por isso, lhe convidamos a colocar, em sua lista de desejos e projetos para 2019, a luta – pacífica, sempre pacífica! – pela Saúde e pela Educação, direitos humanos que jamais podem ser preteridos ou negados.

No mais, o Maré de Notícias deseja a todas e todos os moradores da Maré um Feliz 2019, repleto do que todos nós queremos, precisamos e que é nosso por direito.

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

 (21) 97271-9410

COCÔZAP



**MOBILIZAÇÃO, MAPEAMENTO E INCIDÊNCIA
PARA SANEAMENTO BÁSICO EM FAVELAS**

O @DataLabe, em parceria com a Casa Fluminense, lançou em outubro passado o piloto do CocôZap – uma plataforma colaborativa (via WhatsApp) de mobilização, mapeamento e incidência, que reúne dados sobre saneamento básico em favelas. Com ela, os moradores podem enviar informações, fotos e vídeos. O piloto foi desenvolvido com o apoio do Fundo Socioambiental Casa e em parceria com a Redes da Maré. Ao todo, foram três meses de trabalho para construir uma base de dados pública. A colaboração dos moradores da Nova Holanda, Parque União e Parque Maré foi fundamental para o projeto. Saiba mais, acessando o site (<http://cocozap.datalabe.org>) O número do CocôZap é **(21) 99957-3216**.

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda – Maré
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

COORDENADORA DE

COMUNICAÇÃO
Daniele Moura
(Mtb – 24422 /RJ)

EDITORA EXECUTIVA

E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Eliane Salles
(Mtb 17026/RJ)

COLABORARAM NESTA

EDIÇÃO
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Maria Morganti
(Mtb – 39043/RJ)
Jéssica Pires

FOTÓGRAFOS

Douglas Lopes
Jéssica Pires

REVISORA:

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO
Mórua, Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO
Filipe Almeida

IMPRESSÃO
Folha Dirigida

TIRAGEM
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o Jornal no nosso site: www.mareonline.com.br

 /redesdamare  /redesdamare  @redesdamare

Surfando em outras Marés

Do surfe de TV, Matheus Ribeiro, "cria" da Vila do Pinheiro, virou professor

DOUGLAS LOPES



Sonho: Matheus quer no futuro ter sua própria escolinha de surfe e incentivar jovens periféricos para a prática do esporte

MARIA MORGANTI

O professor da escola de surfe “Team Bispo”, **Matheus Ribeiro da Cruz**, de 20 anos, saiu da segunda maré do dia, quando, na manhã de uma terça-feira de quase verão, finalizou sua primeira aula. Mais cedo, havia deixado outra Maré, essa com M maiúsculo. Naquele dia, como de costume, Matheus acordou às 4h30 da manhã, tomou banho, escovou os dentes e engoliu uma vitamina de frutas para, às 5h, já estar na rua e, de bermuda e mochila, caminhar da Rua Principal, na Vila do Pinheiro, onde mora, até o ponto de ônibus, na Avenida Brasil e, de lá, seguir para o Arpoador, em Ipanema, onde ensina e pratica surfe.

Da água do mar, Matheus sai com um sorriso solar. Sua jornada de trabalho está apenas começando: normalmente, ele costuma atender 12 alunos por dia. “Cria” da Vila João e, ao mesmo tempo, das bandas de Ramos e Bonsucesso, Matheus é o primeiro da família e do ciclo social a pra-

ticar o esporte. “Eu comecei a surfar há dois anos. Eu assistia a alguns campeonatos na TV e quando tinha [algum] aqui por perto eu também ia ver. Mas quando tinha pesquisado umas escolinhas, ‘tava’ meio caro pra mim. A maioria nos bairros da Barra, Recreio, o que dificultava ainda mais”.

A relação do surfe com o Matheus era considerada inviável por ele. Isso até uma certa segunda-feira do mês de agosto de 2016. “As férias foram em agosto por causa das Olimpíadas, então vim para curtir uma praia normal, com os amigos. Aí vi a escolinha lá e pedi informação. Até aí, a mesma coisa. O moleque que trabalhava lá disse que era R\$ 100 a aula avulsa e o pacote com cinco, R\$ 400. Mas falou pra eu tentar falar com o professor. Quando o professor saiu da água, eu falei com ele, que me perguntou onde eu morava”.

Na época, Matheus morava com a mãe biológica, falecida no ano passado, na área limítrofe entre Ra-

mos e Olaria. O professor, Marcelo Bispo, dono da escolinha, disse que faria o valor das aulas pela metade do preço para Matheus, que conseguiu pagar com a “mesadinha” que ganhava da mãe. Apesar de a distância entre Matheus e o surfe ter encurtado, nessa época, o jovem ainda era só mais um aluno. Mas seu talento, sua força de vontade e seu senso de gratidão fizeram essa condição logo mudar. “Teve um tempo que o moleque que trabalhava com o professor saiu e ele estava guardando as pranchas e equipamentos sozinho. Aí, como eu recebia essa ajuda, eu ajudava ele a levar algumas coisas no final da aula. Um dia ele me perguntou se teria como eu chegar cedo pra trabalhar com ele, fazendo o serviço de levar as pranchas no início e recolhendo no final das aulas. Foi aí que eu aprendi um pouco mais do surfe e, em 2018, comecei a dar aula”.

De acordo com Matheus, antes de trabalhar com surfe, seu primeiro empre-

go, não tinha ideia do que gostaria de fazer profissionalmente. Hoje, planeja ingressar na Faculdade de Educação Física. “Dar aula é 50% do aluno e 50% do professor. Eu fico muito feliz quando vejo que consigo dar os meus 50% e o aluno também. Uma vez, vi o desenvolvimento de uma aluna e tive essa sensação. Eu quero continuar dando aulas de surfe”.

No entanto, Matheus confirma o estereótipo de que o esporte seja “coisa de rico”. “Uma roupa desta (aponta para a que está vestindo) custa R\$ 1500. É muito caro. É muito difícil encontrar por aqui, na praia, surfando, gente da favela, do subúrbio, da Baixada Fluminense. Além de ser longe, os equipamentos são muito caros”.

Mas dificuldade é combustível para Matheus, que fala com brilho no olhar – e com o sorriso, sempre com o sorriso – que tem o sonho de mudar essa realidade. “O que eu tenho vontade de fazer mais pra frente, no dia em que eu ver que eu sou um professor, que já tiver a minha escolinha, é um projeto para a galera que tem menos acesso, como eu. Para ajudar a eles, como eu fui ajudado. Para mostrar pra eles que é possível, mesmo sendo difícil. Um projeto que tenha aula de graça, um ônibus, uma coisa que vá buscar essa galera que mora até mais longe, na Baixada Fluminense, para aumentar esse ciclo de pessoas que vêm da favela, que vêm de longe, que pegam ônibus. Eu quero quebrar esse paradigma para ter outros meninos como eu”, diz. Se depender da garra do jovem, esse sonho, sem dúvidas, será realizado. Afinal, a praia, o mar e o surfe são nossos também!

A saúde pública doente

Com redução de gastos, município corta verba de prevenção a doenças

HÉLIO EUCLIDES

Em 2018, a Saúde municipal recebeu um baque com a decisão de demitir profissionais das Clínicas da Família. Essa notícia tirou o sono de inúmeras pessoas. Não é para menos. Serão extintas 184 equipes e demitidos 1.400 profissionais. Para cada equipe retirada, a Prefeitura economizará 1 milhão de reais. Na Maré, a Clínica da Família Doutor Adib Jatene e o Centro Municipal de Saúde Vila do João devem perder uma equipe, cada um. Segundo o Secretário da Casa Civil, Paulo Messina, os gastos da Saúde estão muito elevados e precisam de cortes para caber no orçamento. No meio do impasse, a população sofre com greves e paralisações por falta de salário e de material de trabalho.

Rosemi Nunes é paciente da equipe Praça do Salsa, da Clínica da Família Doutor Adib Jatene, na Vila do Pinheiro. Para ela, a saúde municipal está em crise há muito tempo. “Tenho dúvida se a Saúde pública está agonizante ou já morreu. Sou da opinião de que é necessário acabar com as OSs (Organizações Sociais), pois é muito dinheiro pago e nada de atendimento. Tem de colocar todos na folha de pagamento, por meio de concurso público, isso vai diminuir os gastos. O projeto das Clínicas da Família

DOUGLAS LOPES



Precarização na saúde: população não tem acesso a direitos básicos; cortes no orçamento devem piorar a situação

no papel é bonito, mas faltam especialidades. Outro problema é que a equipe que atende a minha região não tem médico todo dia. O meu medo é passar mal no dia errado”, declara.

Ela já fez reclamação na Ouvidoria da Prefeitura, pelo telefone 1746. “É caótica a situação. Meu pai ficou 39 dias esperando a liberação de um exame de urina. O que não concordo é xingar médico, gritar e ofender o profissional de saúde, essa não é a solução do problema. No grito, não se resolve. Quem se sentir lesado dos direitos deve procurar a Ouvidoria, correr atrás por meios legais. Pagamos impostos, e devemos cobrar do Prefeito, que não é patrão e, sim, gestor, pois administra o dinheiro pú-

blico”, explica.

Para **Luciana Barbosa**, a saúde pública está um caos. “O pior é que dependemos dela. Busco um atestado para minha filha ingressar na creche, só que falta médico que atenda à área do Salsa e Merengue. Temos de torcer para não cair numa UPA, na qual falta dipirona e gaze. Na Clínica da Família não tem pomada, xarope e dipirona”, revela. Para especialistas, a situação deve piorar. O orçamento proposto para a Saúde caiu 12%, de 6,01 bilhões para R\$ 5,28 bilhões, em 2019.

Durante a apuração, um paciente, que preferiu não se identificar, procurou a equipe de reportagem para fazer um desabafo. “Desde abril para remarcar uma consulta. Assim, minha

pressão fica cada vez mais alta. Dessa forma, só Deus”, reclama. **Selma Silveira**, moradora do Salsa e Merengue também fala da situação precária no atendimento. “O ideal era a reformulação de tudo, com contratação de pessoas capacitadas. Não entendo o ‘Outubro Rosa’ [campanha de prevenção do câncer de mama] e o Sisreg (Sistema de Regulação), estou na fila de um exame de mamografia que nunca consigo fazer”, conta.

Profissionais também reclamam da situação

Uma agente de saúde, que preferiu não falar o nome, confirmou a falta de remédios e insuamos nas clínicas. Disse, ainda, que tem equipes sem médicos. “Estamos

há quase dois meses sem pagamento e não há previsão do 13º salário. Os cartões Riocard já não são carregados, dessa forma a passagem está sendo paga com dinheiro do bolso. Tem sala com ar-condicionado quebrado e, assim, trabalhamos de portas e janelas abertas. O atendimento primário está difícil com essa nova gestão”, declara.

A agente explicou algumas ações que podem servir para justificar a extinção das equipes. “O cartão do SUS e a internet foram retirados do ar por 15 dias. É complicado trabalhar sem essas ferramentas. Acredito que essa é uma forma de diminuir o número de atendimento e, assim, a Prefeitura ter motivos de extinguir as equipes”, revela. Uma outra agente disse que sucatear a saúde é estratégico. “Uma justificativa é que o público não funciona, então tem de acabar. O povo tem o direito de cobrar ao gerente ou na Ouvidoria”, esclarece.

Um outro profissional disse que falta apoio da população, mas que isso ocorre por falta de entendimento sobre a Saúde. “Falta esclarecimento, o que é um fator preocupante. A mercadoria que vem não é suficiente para a grande população atendida, mas não é culpa dos profissionais. Assim, a falta de recursos gera insatisfação do povo. Tem gente que transforma a Clínica da Família em Unidade de Pronto-Atendimento. Só que, aqui, não temos condição nem de fazer sutura. É necessário ensinar na escola o que significa cada Unidade de Saúde”, diz. Para ele, esse é o motivo de a população não apoiar o movimento de greve.

Médico é minha vocação

O médico **Carlos Vasconcelos** atua há quatro anos na Maré. Ele fica triste com a falta de recursos. “A população está mais empobrecida e a Saúde deveria ir na contramão. Acredito que os problemas na atenção primária atingem tanto o público, como o particular. O cidadão, hoje, não tem o respeito a seus direitos à Saúde, e acha normal, se conforma com a realidade. É preciso uma maior

participação das pessoas nos processos. Se culpa o governo e as instituições, mas o problema é de todos nós. Se fala em crise, mas não se planejam melhorias”, revela.

Ele detalha que as equipes não cobrem toda a população, e não entende como, mesmo assim, vai ter diminuição de pessoal. “Nós tínhamos uma médica cubana, que não foi substituída, pois não apareceu ninguém para a vaga. A Maré sofre com saneamento, violência e saúde, não há investimento. Os conflitos armados causam problemas de saúde, como dependência de remédios de uso contínuo. Outro problema são as drogas não serem reconhecidas como um problema de saúde, e aqui não há uma estrutura para o tratamento do dependente químico”, confessa. Ele acredita que são necessárias políticas públicas.

Prefeitura se defende das críticas

A Superintendência de Atenção Primária esclarece que a reestruturação da atenção primária, que inclui o redimensionamento de equipes, está mantida e sendo feita de acordo com os trâmites legais. Segundo a Superintendência, a reestruturação vai possibilitar a melhor distribuição do orçamento, garantindo a realização de exames, compra de medicamentos, pagamento de pessoal dentro do prazo, ao longo de todo o ano. Esclareceu ainda que o acesso à atenção básica e ao serviço de saúde mental está garantido à população. Para substituição dos médicos cubanos, a Secretaria declarou que o processo de apresentação do Projeto Mais Médicos, do Ministério da Saúde, está em andamento.

A MARÉ FALA



“ Preciso de um encaminhamento para um ortopedista, mas antes é necessário passar por um clínico, só que falta médico. Sofro com dor no joelho e só indicam compressa de gelo. A Saúde pública está horrível, agora em greve. O atendimento é ruim, precisa ter conhecimento de alguém para ser atendido. Isso não é só nas Clínicas das Famílias, o Hospital Municipal Evandro Freire se encontra da mesma forma. **(Maria da Luz Ribeiro, moradora da Vila do Pinheiro)** ”

“ Falta médico, isso é um caos. Se eu fosse prefeita, melhora o salário dos médicos, pagaria em dia todos os profissionais, daria atenção à população e à Saúde pública. Temos de cobrar, não se pode deixar para lá. Não se pode aceitar falta de pagamento, está tudo errado. **(Benedita Maria, moradora da Vila do Pinheiro)** ”



“ Está terrível, não temos médicos. Ele vem atuar na Maré, mas fica pouco tempo. O médico vem de longe para atuar aqui, temos amor ao profissional, e entendemos que é difícil trabalhar sem pagamento. A falta de dinheiro já atinge a farmácia, com ausência de dipirona. A Saúde está doente, com o risco iminente de demissões. **(Enir Santos, moradora da área no entorno do Parque Ecológico)** ”

Uma estação que é sinônimo de calor

Verão traz alegria e preocupação com temperaturas elevadas

HÉLIO EUCLIDES

“**V**em chegando o verão, o calor no coração, essa magia colorida, são coisas da vida...”, a música Uma Noite e Meia, composta por Renato Rocketh e gravada em 1987 por Marina Lima, empolga a estação há 31 anos. Mas para continuar empolgado no verão é preciso seguir alguns cuidados, para que a estação não vire um pesadelo. Beber bastante água, ingerir comidas leves de 4 em 4 horas, usar protetor solar e cuidar para que crianças e idosos evitem ficar expostos ao sol em horário inadequado são algumas dicas que devem ser seguidas.

Paulo Cesar, conhecido como PC do Piscinão, lembra bem do susto que levou na estação do sol. “Em 2007, tive lúpus, que piorou com a exposição ao sol. Agora uso protetor solar, camisa e óculos, pois o sol está forte”, recomenda. Frequentadora do Piscinão há anos, **Cintia Santos**, moradora de Vicente de Carvalho, acredita que com crianças todo cuidado é pouco. “Tenho dois filhos de 7 e 10 anos. Passo protetor e dou bastante água, suco e frutas. Gosto dessa área de lazer de segunda a sexta, pois no final de semana é muito cheio e já

vi muitas crianças perdidas”, enfatiza.

Rafael Valdomiro é morador da Baixa do Sapateiro, instrutor de primeiros socorros, técnico de segurança do trabalho e bombeiro civil, e recomenda a prevenção como o melhor remédio. “Nessa estação, um bom amigo é o protetor solar, pois o sol pode causar queimaduras de 1º, 2º e 3º graus, com danos, como bolhas avermelhadas. A exposição excessiva aos raios ultravioletas pode trazer febre, tonteira e princípio de desmaio. Se ocorrer algum desses casos, a pessoa deve ser amparada e encaminhada para pessoas preparadas, como numa emergência”, aconselha.

Para ele, o verão não traz só riscos na praia. “Nesse período, ocorrem muitos incêndios. Alguns por excesso de horas de ar-condicionado e ventilador ligados. Ao viajar, deve-se desligar todos os equipamentos, tirando-os da tomada. Outro cuidado é evitar benjamins, gambiarras e velas. Ao sair de casa, fechar o botijão e sempre verificar a validade da mangueira e se há vazamentos. Qualquer emergência desse tipo, deve-se ligar para 192 ou 193, dando informações



Piscinão de Ramos: moradores devem se proteger para usufruir da área de lazer

corretas da localização e evitar trotes”, indica.

Um verão de alegria

O médico **Dagoberto Valente de Miranda Chaves**, da Clínica da Família Augusto Boal, no Morro do Timbau, lembra que, durante o verão, aumentam as atividades ao ar livre, como ir à praia ou tomar banho de piscina. Segundo o médico, nessa época do ano, a radiação solar incide com mais intensidade sobre a Terra, aumentando o risco de queimaduras, câncer de pele e outros problemas. No entanto, é possível aproveitar a estação mais quente do ano sem colocar a saúde em risco.

“Além do filtro solar, no verão é importante usar chapéu e roupas de algodão, pois bloqueiam a maior parte da radiação. Outro acessório que tem extrema importância são os óculos de sol, que previnem catarata e outras doenças. A dica é evitar a exposição solar entre 10 e 16 horas”, recomenda. Ele destaca que o momento é de intensificar o uso de filtro solar, que deve ser utilizado diariamente. “Em crianças, inicia-se o

uso de filtro solar a partir dos seis meses de idade, utilizando um protetor adequado para a pele que é mais sensível. Recomenda-se buscar orientação com pediatra ou dermatologista sobre qual o melhor produto para cada caso”.

O médico recomenda ainda o aumento da ingestão de líquidos e abusar da água, do suco de frutas e da água de coco. Mas alerta que a combinação sol, areia, praia, piscina e excesso de suor elevam o risco de algumas doenças da pele. “A micose é uma infecção causada por fungos, que pode ocorrer na pele, unhas e cabelos. A melhor forma de evitá-la é manter hábitos de higiene, como secar-se bem após o banho. Deve-se também evitar andar descalço em lavapés, vestiários e saunas. Outra doença comum é a brotoeja, que são pequenas erupções que surgem, especialmente, em bebês. A recomendação é usar roupas leves e soltas e evitar locais muito abafados”, conclui o médico.



PC do Piscinão: após susto, ele usa protetor solar, camisa e óculos para se proteger

Um mosquito no meio do caminho

Aedes aegypti amedronta e traz de novo o perigo da *Chikungunya*

DOUGLAS LOPES



Heróis contra a Dengue: programa atua nas escolas conscientizando crianças

HÉLIO EUCLIDES

De um lado do ringue, um morador da Maré, com 1,70 cm de altura, 65 quilos. Do outro, um mosquito chamado de *Aedes aegypti*, com média de 0,5 centímetro. Isso parece uma piada, mas o mosquito, algumas vezes, vence essa luta e derruba o oponente. A picada da fêmea do mosquito *Aedes aegypti* infectada transmite as arboviroses, que são a Dengue, Zika, *Chikungunya* e a Febre Amarela. São condições favoráveis para a propagação dos arbovírus: elevadas temperaturas e índices de chuva, ou seja, o verão. Este ano, a doença que mais assusta é a *Chikungunya*.

Recentemente, o Maré de Notícias, na Edição 89, de junho de 2018, abordou o tema *Chikungunya*. Com o número elevado de casos, é importante tocar mais uma vez no assunto. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz, o Estado do Rio de Janeiro já conta com 37 mil casos de *Chikungunya* registrados até outubro do ano passado - o que caracteriza uma epidemia. Na Maré, já foram registrados 163 casos. O pico ocorreu em abril, quando 49 pesso-

as tiveram a doença. O número ainda pode ser maior devido a pessoas que, erroneamente, não procuram as Unidades de Saúde.

Uma dessas pessoas que contraiu *Chikungunya* foi **Luiza de Alcântara Barbosa**, moradora da Nova Holanda. “Tive a doença em março junto com meu pai, que tem 61 anos. Aqui, na Maré, foi uma epidemia. Senti dores nas articulações, febre e manchas que coçavam muito. Depois vieram as dores nos pés, que não me deixavam ir ao banheiro sozinha. Até para chegar à Clínica da Família, íamos nos arrastando. Essa dor durou oito meses. Mas meu pai sente até hoje. Acredito que nos idosos a recuperação é mais lenta”, avalia.

A palavra-chave é ‘prevenção’. “Evitar água parada. Um simples vaso sanitário descoberto, não usado por um período, pode ser local de foco. Outros principais pontos são lixo, ralo do banheiro, pneus, garrafas e caixas d’água”, indica **Álvaro dos Santos Silva**, enfermeiro da Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holan-

da. “A população deve fazer o dever de casa, que é eliminar os criadouros do mosquito”. A sua colega **Norma Rezende**, enfermeira da Clínica da Família Adib Jatene, na Vila do Pinheiro, recomenda observar o paciente. “Os sintomas são febre, cefaleia (dor de cabeça), dor no corpo, em especial nas articulações e podem ter pintinhas pela pele. O ideal é o doente beber bastante líquido”, destaca. Ela lembra que, ao aparecer os sintomas, a pessoa deve procurar uma Unidade de Saúde mais próxima de casa, para exame e tratamento.

Saiba mais sobre a *Chikungunya*

A doença é uma arbovirose causada pelo vírus *Chikungunya*. O período de incubação é, em média, de 3 a 7 dias e a presença do vírus no sangue persiste por até 10 dias, após o surgimento das manifestações clínicas. A fase inicial da doença é caracterizada, principalmente, por febre de início súbito e surgimento de intensa dor articular. Os sintomas costumam persistir por 7 a 10 dias, porém a dor nas articulações pode durar meses ou

anos e, em certos casos, transformar-se em uma dor crônica incapacitante para algumas pessoas.

“É doloroso, tinha noite em que eu achava que eu não iria amanhecer. Na época, fiquei com imunidade baixa e fraca. Para ir ao médico, só de carro. E não conseguia sair sozinha, não tinha forças. Dois anos depois, ainda sinto dor no tornozelo. Conheço gente que ficou com sequela nas mãos”, enfatiza **Maria Avelina da Cruz**, de 82 anos, moradora da Baixa do Sapateiro.

No dia 7 de janeiro, a World Mosquito Program, em parceria com a Fiocruz, liberará na Maré *aedes aegypti* inoculados com Wolbachia - uma bactéria que reduz a capacidade de eles transmitirem doenças. Para mais informações, leia matéria no Maré Online. O Heróis contra Dengue, projeto da Redes da Maré com o patrocínio da Iresso, que tem o objetivo de conscientizar crianças sobre o combate a essas doenças, estará em recesso, mas fez um trabalho de conscientização em duas escolas da Maré. O programa, que segue o calendário escolar, retorna em fevereiro.

DOUGLAS LOPES



Dona Maria Avelina: dores persistem mesmo após dois anos de ter tido a doença

Um idioma chamado gíria

Do “coé” ao “papo reto”, um pouco dos meandros da “Língua” mais falada nas favelas

MARIA MORGANTI

É difícil andar pelos mais de 5 km de extensão das favelas do Complexo da Maré sem ouvir qualquer diálogo em que elas não estejam. Pode ser das mais clássicas como “papo reto” ou “já é”, ou outras mais recentes, como “suave” ou “pega a visão”. A certeza é que de gíria os moradores da Maré entendem. E inventam. E reproduzem. Muito. Criam tanto que é até difícil saber a origem de palavras como “mec”, “se pá” ou “na moral”. Andando pouco mais de 20 minutos pela Nova Holanda, a equipe de reportagem do Maré de Notícias ouviu de quase 100% dos entrevistados “que falam gírias no dia a dia”. As mais citadas foram: “tega”, “tamo junto”, “tranquilo”, “de boa”, “é nós”, “qual foi”, “mina”, “vacilão”, “mano”, “tá ligado”, “pega a visão”, “tipo que” e “fala tu”.

“Gíria não é gíria, é uma outra Língua”

Segundo o professor de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), **Ary Pimentel**, a periferia desenvolve uma forma nova de se falar. E como diz uma letra do cantor Criolo, “eu não traduzo gírias”. “Eu não traduzo gíria, porque é outra Língua, entende? A gíria não é gíria dentro de uma Língua, a gíria começa a ser outra Língua. O Ferréz (romancista, contista e poeta

brasileiro) diz que ele não escreve em Português, e, sim, em “favelês”. Ele escreve numa outra Língua. E ele tem a pretensão, ao longo de muitos anos de produção, de escrever para um destinatário específico. Ele quer escrever para os moradores da própria quebrada”, afirmou o especialista.

Tema de vídeo “bombado” nas redes sociais

Por curiosidade, as gírias das favelas cariocas viraram o tema de uma coluna no Jornal Voz das Comunidades, escrita pelo publicitário **Pedro Portugal**. “Sempre que eu conversava com algum morador da favela, surgia uma gíria no meio da frase, o que me deixava perdido, mas curioso”. Como redator, o que mais surpreendeu Pedro foi a boa recepção que a coluna teve. “A versão adaptada para vídeo chegou a ter milhares de comentários e compartilhamentos. Além disso, páginas do Facebook, como “Suburbano da Depressão”, impulsionaram ainda mais esse movimento. Nos *posts* de compartilhamento, o público comenta, sugerindo novas gírias que estão na moda. Isso, para mim, é um ótimo sinal, sinal de que alguém está se sentindo representado naquela linguagem”. Para Pedro Portugal, a Língua é viva e um dos motivos de ela continu-

ar sendo renovada são as gírias, então, conteúdo para escrever é o que nunca vai faltar.

Preconceito linguístico

Apesar do uso quase predominante de gírias por grande parte de moradores das favelas da cidade, o professor Ary conta que, para muitos, ela ainda é vista com certo tipo de “preconceito linguístico”. “Há certa intolerância a uma linguagem que é usual para milhares, ou talvez milhões de pessoas na cidade, mas que não é reconhecida como uma forma linguística que possa servir para processar uma obra de arte, por exemplo. De certa maneira, é uma dimensão do preconceito linguístico. Uma obra de arte poderia ser produzida a partir de qualquer uma das linguagens que circulam, que funcionam dentro de uma sociedade. É o caso dessa linguagem que serve muito bem para se produzir letra de *funk*, para se produzir contos dessa literatura que está surgindo com a linguagem do sujeito da periferia. Como é o caso do Geovani Martins, autor do livro de contos ‘O sol na cabeça’, da Editora Companhia das Letras”.

Esse mesmo tema foi abordado em uma das colunas de Pedro Portugal, a “Nós vai te dar voz!”, de 17 de outubro de 2018:

“Se você acha que

erro de Português é coisa de pobre, é em você que está a ignorância. A Língua só possui uma função: servir e facilitar a nossa comunicação. Então, não dá nem para tachar como errado aquilo que você entendeu, mas fez cara feia. Além disso, presta atenção, ninguém entende mais de plural e de coletivo do que o favelado. “Geral”, “bonde”, “tropa”, “rolé”, uma multiplicidade de termos que mostram onde realmente mora a riqueza. Então, dobra sua língua antes de criticar quem mantém nosso idioma vivo. O preconceito linguístico é uma agressão àquilo pelo que nós lutamos diariamente: a liberdade de expressão e a busca por representatividade. Praticar esse tipo de discriminação é retirar o direito de fala de milhões de pessoas que se exprimem com um “framengo” ou um “nós vai”. E isso, não dá para tolerar, porque buscamos justamente o oposto, buscamos dar voz”.

Um “idioma” territorial

Gabriela Barros Batista, moradora da Rubens Vaz, conta que não é em todos os lugares, principalmente fora da favela, que se sente à vontade para falar gírias, e que, em certos locais, evita o uso para “não ser tratada diferente”. “Eu falo gíria, normal. Gosto de falar.

É claro que tem lugares que não vão aceitar nosso jeito, mas a gente vai evitando algumas coisas para as outras pessoas não tratarem a gente diferente. Em trabalho e em entrevista, o pessoal não aceita muito gíria. Para o pessoal mais distante da favela, já olha assim, ‘tá falando gíria’. Quando dizem que eu falo muita, a gente tenta dar uma evitada, se encaixar. Em várias entrevistas que eu já fiz não aceitaram o meu jeito. Aí eu tento me encaixar em lugares que aceitam. A gente tem de se encaixar em lugares que aceitem a gente. Tipo, eu trabalho com divulgação. É difícil, mas a gente consegue”.

Outros dois jovens, **Brener Mauro Costa Barbosa**, morador da favela de Manguinhos, e **Max Campany**, o *rapper* Sd”, de Bonsucesso, passaram pela mesma experiência: a de precisarem reprimir o uso de gírias do vocabulário corrente para serem aceitos no mercado de trabalho formal. Brener avalia que elas “são muito mais informais e normalmente são faladas quando se está entre amigos”. Por isso, tenta se controlar e falar pouca ou nenhuma gíria. Mas confessa que nem sempre consegue.

“Quando eu comecei a trabalhar em *telemarketing*, eu tinha dificuldades, porque eu falava muita gíria e tinha de me preocupar muito com a fala. Por isso, tentava falar mais devagar. Eu tento me manter o mais quieto possível, porque às vezes as gírias escapolem naturalmente, e quando eu vejo já saiu”, conta o jovem. Já o *rapper* confessa que chegou a perder uma oportunidade de emprego por conta disso. “Antes de trabalhar com música, trabalhava em uma firma de segurança e, por isso, evitava falar muita gíria na hora do trabalho. O pessoal não fala gíria direto igual nós (sic). Sem contar que, em uma entrevista, você tem de se conter. Teve uma vez que eu soltei um ‘tá ligado’, e falei, ‘ih, já era’. E já era mesmo. Não me chamaram mesmo não. Foi sem querer, no automático. Mas, hoje em dia, eu consigo me policiar mais e, graças a Deus, eu trabalho só com música”.

Gíria na sala de aula

Para levar a rua para a sala de aula, a professora **Lorena Bárbara Santos Costa**, do 5º ano da Escola Municipal Gersino Coelho, de Salvador (BA), criou o “Dicionário Interativo das Gírias Urbanas”. Segundo o *site* <http://porvir.org>, nessa atividade, os alunos

pesquisaram sobre as gírias faladas nas comunidades e seus respectivos significados. A iniciativa fez parte do projeto “É de Quebrada que Eu Vou”, que tinha o objetivo de valorizar a cultura popular como forma de expressão artística e ideológica-identitária.

O QUE É GÍRIA?

Gíria é um tipo de linguagem empregada por um determinado grupo social, mas que pode se estender à sociedade em razão do grau de aceitação.

(Fonte: mundoeducacao.bol.uol.com.br)



ENCONTRE A SUA GÍRIA DE ESTIMAÇÃO:

“MEC” “JÁ É” “RESPONSA” “TEGA” “SE MANCA”
 “PAPO 10” “AULAS” “PIAR” “NÓS QUE TÁ”
 “PEGA A VISÃO” “CANA” “NA RÉGUA” “PEITA”
 “SUAVE” “TILTI” “DÁ O PAPO”
 “PASSA NADA E NEM PODE” “RALA PEITO”
 “VOU MARCAR DE BASE” “TÁ DE MIRONGA”
 “PAPO RETO” “VAILÁ, VAILÁ” “É NÓS” “RESPONSA” “BOFE”
 “RELÍQUIA” “CRIAR” “COÉ” “SE PÁ”
 “PUREZA” “BOTA A CARA” “TAMO JUNTO” “NA MORAL”
 “AMASSA” “SEM NEUROSE”
 “QUAL FOI?” “SEM CUTCHARRA”
 “SE ADIANTA” “NTJ (NÃO TEM JEITO)”
 “BAGULHO É DOIDO” “MENÓ” “PEGA A VISÃO” “ESCULACHO” “CATA”

O que esperar da educação em 2019

Sugestões e mudanças que influenciam a vida dos estudantes da Maré

HÉLIO EUCLIDES E ELIANE SALLES

A Educação do Brasil sofreu um susto: quando ainda era candidato, o presidente Jair Bolsonaro afirmou, em entrevistas, ser a favor de permitir a modalidade de ensino a distância, inclusive no Ensino Fundamental, que vai do 1º ao 9º ano, com estudantes de 6 a 14 anos. Para ele, apenas provas e aulas práticas têm de ser presenciais. O argumento seria para diminuir o custo e evitar a doutrinação ideológica. A proposta não fez parte do seu programa de governo.

Professores discordam dessa proposta, por acreditarem que a escola não é só um local de trabalhar os conteúdos, aprender e fazer provas. Para a categoria, a escola é também um lugar de se relacionar, de aprender a viver em sociedade, que o ensino presencial envolve elementos relacionados à troca de experiências e à convivência social. “Essa ideia do ensino a distância não vai funcionar. Como o aluno vai estudar em casa? Nem quem faz faculdade a distância sabe administrar o tempo. E quem não tem com quem deixar as crianças? E as notas? Como saber se a criança fez a prova sozinha ou não? Estão querendo colocar, mas não vão conseguir no Ensino Fundamental”, comenta **Raquel Mattos de Souza**, professora do Espaço de Educação Infantil Armando de Salles Oli-



Projeto Nenhum a Menos: complementação pedagógica e reinserção escolar para crianças das favelas da Maré

veira, na Praia de Ramos. Raquel é professora há 19 anos.

Erika Fernandes, professora do Centro de Estudos de Jovens e Adultos (CEJA-Maré), acredita que o mestre precisa estar dentro da sala de aula com o aluno. “Na minha perspectiva, a figura do professor é fundamental, necessária e imprescindível”, afirma. **Jaqueline Luzia**, professora de educação da UERJ vai além: “já existe o ensino a distância, mas não pode ser uma obrigação e, sim, uma opção. A reforma do Ensino Médio abriu a brecha para o ensino *on-line*. A proposta é ampliar no Ensino Médio para 40% e no de Jovens e Adultos para 60% - o que é um problema. O resultado será o fechamento de escolas e a demissão de pro-

fessores. Aqui, na cidade do Rio de Janeiro, a Secretaria de Educação há um tempo fala sobre isso. Não é nada oficial e não tem documento sobre isso. É uma especulação que torcemos para que não vá adiante”, afirma.

Para **Guilherme de Macedo Moreira**, professor de Sociologia na Escola Estadual Tim Lopes, no Alemão, e no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Theophilo de Souza Pinto, na Nova Brasília, essa proposta já é aplicada em alguns países. “Aqui, essa ideia vai aumentar o nível de analfabetismo e de pobreza. Esse conceito é para enxugar gastos, e ainda corta as duas refeições a que a criança tem direito. Como ficam os pais que não puderem acom-

panhar a trajetória da criança? Além do risco de crianças ficarem mais tempo na rua. Isso não é projeto de governo e, sim, de um grande aglomerado de empresas brasileiras e estrangeiras. Essa proposta segue a cartilha do Banco Mundial. Como falava Darci Ribeiro: a crise na educação é um projeto”, argumenta.

Até o fechamento desta Edição, a informação obtida na Secretaria Municipal de Educação é que estavam procedendo à organização do encerramento do ano letivo de 2018 e das novas inscrições, e que só se pronunciaria sobre 2019 no início do ano.

Um Ensino Médio em pauta

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou, em dezembro, a Base Nacional Comum

Curricular (BNCC) para o Ensino Médio. O documento aprovado prevê que apenas Português e Matemática tenham carga horária obrigatória em todos os três anos do Ensino Médio. As demais áreas de conhecimento poderão ser distribuídas ao longo destes três anos. A previsão é de que as mudanças estejam em vigor no início do ano letivo de 2020. A reforma estabeleceu um currículo com base em cinco itinerários formativos: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Ciências Humanas e Sociais aplicadas; Formação técnica e profissional.

“Essa reforma do Ensino Médio é muito ruim, pois dá peso apenas para as disciplinas de Português e Matemática. Só que no Enem outras matérias são exigidas - o que elimina o aluno do ensino público da prova”, reclama Jaqueline.

Guilherme concorda com sua colega de profissão. “A reforma do Ensino Médio é algo que começou a ser planejada em 2013, com o propósito de diminuir as disciplinas, incluindo Sociologia e Filosofia. É um projeto de classe, atrelado a grandes empresários. Categoricamente é uma mentira e ilusão dizer que os alunos vão escolher”, lamenta.

Para o professor, essa reforma foi a perda de uma batalha. “Nos últimos anos, vimos os estudantes e professores lutarem, mas, com as mudanças, vem a fragmentação, acaba com a resistência. A refor-

ma abre brechas para o notório saber, ou seja, a contratação de pessoas sem formação em Educação. Isso é a precarização da escola e do professor. Pela lei, o ensino a distância pode chegar no diurno a 20% e no noturno 30%. Um dos problemas é acessar a internet, algo que não é fácil. E quem depende da escola para a alimentação?”, questiona.

Ele acredita que a “Escola sem Partido” vai ao encontro da reforma. “O professor se torna um reproduzidor do currículo, se torna neutro. Mas sabemos que não existe neutralidade. É uma forma de calar e tirar a autonomia, a crítica, o questionamento e a criatividade. Se torna uma escola que reproduz os valores dominantes, e o resultado é o aumento da desigualdade. O estudante e o professor são amordaçados, e a escola fica fragmentada e sem vínculo. São dois elementos: centralizar e controlar a educação, deixando a autonomia de lado. A Base Nacional Curricular ignora a diversidade. Precisamos construir a resistência para a revogação imediata dessa reforma criminosa”, conclui.

A luta pelo Ensino Médio na Maré

Até 2017, a Maré tinha apenas três Unidades que ofereciam o Ensino Médio. Em 2018, a Maré conquistou uma Unidade com Ensino Médio diurno de tempo integral. O Colégio Estadual João Borges de Moraes funciona com três turmas de 1º ano do Ensino Médio. Para uma avaliação, balanço e plane-

jamento para 2019, foi realizada, em dezembro, uma reunião com o Secretário Estadual de Educação, Wagner Victer, e o Subsecretário de Gestão de Ensino, Paulo Fortunato de Abreu. Os diretores da Redes da Maré, Andréia Martins e Edson Diniz, e o diretor do Colégio Estadual João Borges de Moraes, Marcelo Belfort, também estavam presentes.

A conclusão foi de que, apesar das dificuldades enfrentadas, houve avanço no sentido de consolidar o Colégio João Borges como referência de Educação Integral na Maré. Ainda durante a reunião, foi entregue ao Secretário Victer um relatório com as necessidades do Colégio, condições necessárias para que o número de turmas em 2019 seja ampliado. Questões como a melhoria no

abastecimento de água, convocação de novos profissionais, mobiliário para novas salas de aula e a liberação de recursos adicionais para a escola foram assumidos pelo Secretário de Educação como compromissos no sentido de garantir uma educação de qualidade para os jovens moradores da Maré.

Em 2018, 90 alunos cursaram o 1º ano do Ensino Médio. Em 2019, o colégio também terá turmas para o 2º ano. “O Colégio Estadual João Borges talvez seja o maior *case* de sucesso de construção, de solução com a comunidade. Não tenho nenhuma dúvida de que a nova gestão vai continuar esse trabalho, pois quando é construído com muita vontade, com muitas mãos, é difícil alguém derrubar”, afirma o Secretário.

ATENÇÃO: A DIREÇÃO DO COLÉGIO JOÃO BORGES RESSALTA QUE AINDA HÁ VAGAS NA ESCOLA

Fique de olho nas datas abaixo:

 Confirmação da reserva de vagas para o Ensino Fundamental e Ensino Médio: **03/01/2019 a 08/01/2019**.

 Pré-matrícula (2ª fase - Internet - www.matriculafacil.rj.gov.br), para os alunos não alocados, os que não confirmaram matrícula e os novos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (sendo 15 e 16/01/2019 exclusivos para alunos não alocados na 1ª fase): **15/01/2019 a 18/01/2019**.

 Confirmação da 2ª fase da matrícula nas escolas para os alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio: **23/01/2019 a 25/01/2019**.

 Solicitação de matrícula nova e transferências com as vagas remanescentes da matrícula informatizada devem ser feitas no site www.matriculafacil.rj.gov.br para candidatos que não participaram da 1ª e 2ª fase da matrícula (lista de espera): a partir de **30/01/2019**.

Tecnologia e inovação nas favelas

Iniciativas das periferias capacitam jovens para o mundo tecnológico

MARIA MORGANTI

A primeira vista, parece coisa de filme futurista: realidade virtual, robôs inteligentes e jogos em outra dimensão. Só que essa já é a realidade de um mercado de trabalho que, até 2020, vai ser um dos mais valorizados no Brasil. Segundo dados da consultoria PWC, só o segmento de *games* deverá crescer 13,4% até 2020, alavancando o mercado de trabalho nessa área. Estima-se que a participação brasileira no mercado mundial de *games* tenha sido de 2% em 2011 - o que representa uma receita de R\$ 2 bilhões. Jovens moradores de favela, como **Thamyra Thâmara**, do Complexo do Alemão, estão ligados nesse “papo de futuro” (ou de presente) desde antes de 2014, quando criou o que define como uma “escola”, que forma, em média, 100 alunos

por ano em áreas como tecnologia e inovação, o GatoMÍDIA.

“O Mercado para tecnologia está crescendo muito. Até 2020, o trabalho que mais vai ganhar dinheiro, que mais vai estar sendo buscado no mercado, é o *designer* de *game*, porque a realidade virtual está crescendo muito e ela está sendo muito usada em *game*, na chamada ‘*gameificação*’. Então, quem aprender a programar *game*, que é a nova linguagem, o novo inglês, ou fazer *designer* de *game*, vai estar com muitas oportunidades no futuro. Por isso, a gente tem investido tanto em trazer formação em tecnologia”, afirma a coordenadora de metodologias do GatoMÍDIA.

A favela em 360°

Até o fim de 2018, o GatoMÍDIA, local de aprendizado em mídia

e tecnologia para jovens negros e moradores de espaços populares, ofereceu cursos e oficinas no Complexo do Alemão, como a “Residência Favelada 2.0”, com formação em mídia e tecnologia para mulheres, a “Residência Wagikisa” (nome inspirado em um povo angolano que significa ‘corpo forte’), que tinha como foco o aprendizado em programação, buscando utilizar tecnologias para mulheres, negros, LGBTs e periféricos, além do laboratório afrofuturista, com foco em produção 360°, realizado em outubro do ano passado, no qual os participantes receberam mentoria em estética e narrativa afrofuturista, afrocentricidade, processos criativos, produção 360°, pós-produção 360°, tecnologias imersivas e realidade virtual, com foco em jornalismo.

George Ferreira dos Santos, 26 anos, “cria” da Vila Vintém, favela da Zona Oeste do Rio, foi um dos participantes dessa Oficina que, pra ele, foi “uma experiência incrível”. “Estar junto de pessoas que vivem a mesma realidade que eu, pretos vindos de várias favelas, tendo acesso a uma nova tecnologia, conhecimento e podendo produzir novas narrativas foi emocionante. Tivemos três momentos diferentes: o primeiro foi uma introdução ao conceito de afrofuturismo, o que levou a diversos debates e troca de experiências entre os participantes, que nos deixou muito conectados uns aos outros. O segundo foi como trabalhar a criatividade em ambiente de escassez, o que nos estimulou ainda mais a trabalhar a criatividade para produzir, usando papelão e fios como ferramentas para fazer óculos de realidade virtual, por exemplo. E o terceiro foi a tecnologia 360° e realidade virtual. Tivemos uma aula que passou desde o atual momento ao que é esperado para o futuro próximo com essa tecnologia, sobre equipamentos, como utilizar e a pós-produção. Depois nos dividimos em grupos para poder produzir um material para concluir o laboratório. O resultado foram três vídeos incríveis em 360°, produzidos por nós, mostrando nossas narrativas”.



Realidade virtual, robôs inteligentes e jogos em outra dimensão: escassez estimula criatividade de jovens das periferias

GATO MÍDIA



Complexo do Alemão: jovens conectados com o futuro

Tecnologia preta

O jovem conta que a Oficina “agregou muito positivamente”, por estar em ambiente de total afeto e, principalmente, pelo lado profissional. “Profissionalmente, abriu uma janela gigantesca de possibilidades. Poder ter acesso a uma tecnologia que ainda não se popularizou no Brasil e estar aprendendo e produzindo é importantíssimo, pois é um mercado que está se abrindo e se expandindo cada vez mais e que ainda não tem tantos profissionais na área. Então, trazer isso pra favela foi uma sacada fantástica das meninas do GatoMÍDIA. Eu só tenho a agradecer a Thamyra, Morena e Nicole por essa oportunidade”, relata George, se referindo à equipe que realizou o programa.

Publicitário e produtor de audiovisual, George conta que, após o laboratório, começou a trabalhar seu próprio canal de vídeos e fotos em 360°. “Comecei com o Instagram (@nugrau360) e agora uma página no Facebook (NuGrau 360°), onde já venho exibindo um pouco do conteúdo que estou produzindo. Já estou trabalhando para lançar o canal no YouTube, onde não só vou expor esses materiais como vou lançar outros conteúdos falando dessa tecnologia, de afro-futurismo, com tutoriais, etc. Minha ideia é produzir o máximo de conteúdo possível até o começo do ano que vem para ter um portfólio e aí conseguir equipamentos para oferecer um serviço de produção audiovisual em 360° para eventos, festas, etc. E meus projetos pessoais com algumas parcerias que já estou alinhando”, conta o jovem.

Gambiarra é tecnologia

Um dos diferenciais do GatoMÍDIA em relação a outros cursos de produção em 360° é o estímulo ao uso da criatividade. As ferramentas são criadas a partir de gambiarras, com óculos virtuais feitos com material reciclável como papelão, CDs e fios velhos. Thamyra explica que essa forma de se reinventar é uma característica das favelas há anos. “Tecnologia é quando você tem uma ferramenta para resolver um problema e tem capacidade de ser replicável. Na entrada da Grota (no Complexo do Alemão), a gente já vê aquela estátua daquele senhor que colocou água na casa de muita gente quando não tinha. Ele fez a encanação. Esse fazer da favela em meio à ausência do Estado ou à presença seletiva do Estado, em meio à escassez, é potência, isso é inovação. São esses os fazeres populares. Então, essas tecnologias sociais de colocar água na casa dos outros, de colocar luz, de colocar internet, tudo isso é tecnologia, mas é sempre visto de forma pejorativa quando vem da favela, como o jeitinho brasileiro, ou ‘ah, isso aí é uma gambiarra’, no sentido pejorativo, e não como alguma coisa de inovação, sendo que é uma inovação. Porque vem de um problema social. Toda vez que você resolve um problema social e você tem um impacto social sobre aquilo, isso é inovação”.

PretaLab

Assim como o GatoMÍDIA, iniciativas como a PretaLab, projeto criado em março de 2018, trabalham para ampliar o espaço e a representatividade de mulheres negras e indígenas na ciência e tecnologia. Atualmente, esse mercado é predominantemente masculino, branco e não periférico. Para se ter uma ideia sobre a necessidade e pertinência de incluir mais mulheres negras na inovação e na tecnologia, uma pesquisa da Accenture Strategy, empresa especializada em empregos, estima que a economia global digital representava 22,5% da economia mundial em 2015, o que significa um montante de US\$ 19,5 trilhões. A previsão é de que esse percentual cresça para 25% até 2020, com um movimento de

US\$ 24,6 trilhões. A pesquisa pode ser conferida no site www.pretalab.com. O estudo aponta ainda que, nos Estados Unidos, apenas 2% da força de trabalho em todo o universo da ciência e engenharia sejam de mulheres negras. No Brasil, esse dado sequer existe. “As tecnologias estão carregadas com as visões políticas, econômicas e culturais de quem as cria – e esse poder, hoje, está centrado nas mãos de homens, brancos, heterossexuais, classe média/ricos. Isso já potencializa uma grande desigualdade, em um mundo cada vez mais digital”, explica **Silvana Bahia**, diretora de projetos do Olabi e coordenadora do PretaLab.

Silvana, que é jornalista e mestre em cultura, explica que o PretaLab é uma “causa”, que oferece oficinas voltadas para tecnologia, divulgadas pelas redes sociais do Olabi, como o “Minas de Dados”, direcionado para o trabalho em cima de dados produzidos por qualquer usuário da internet. A própria jornalista relembra que tinha interesse em aprender a programar, mas achava que nunca ia conseguir fazer isso na vida. Até que teve oportunidade de fazer um curso e viu que “era difícil, mas não impossível”. E então, o episódio ficou marcado como “um estalo”. Hoje, Silvana acredita que, no futuro, vão ter mais mulheres pretas e indígenas trabalhando na área da tecnologia. “Tem muita menina preta de favela que está se interessando. Uma puxa a outra”.

Se interessou? Então, fique ligado para saber das oportunidades de capacitação nos mercados de tecnologia e inovação:

PretaLab

www.pretalab.com
[@olabimakerspace](https://www.facebook.com/olabimakerspace)

GatoMÍDIA

www.gatomidia.com
[@gatomidia](https://www.facebook.com/gatomidia)

Favela Hub

www.vivario.org.br/favela-hub
[@favelahub](https://www.facebook.com/favelahub)

O Rio de Janeiro é nosso!

Jovem cria projeto para incentivar moradores da Maré a conhecerem sua cidade

MARIA MORGANTI

Em 2014, mais de 11% do total dos quase 95 mil moradores da Maré com mais de 16 anos saíam raramente ou quase nunca do bairro. Os dados são da “1ª Amostra sobre mobilidade Urbana na Maré”, realizada por uma parceria entre a Redes da Maré, o Observatório de Favelas e o Centro para Excelência e Inovação na Indústria do Automóvel. Na época do estudo, **Gabrielle de Souza Vidal**, moradora da Nova Holanda, tinha só 14 anos. Em 2018, com 18, Gabi, como é mais conhecida, criou um projeto que deu oportunidade para jovens mudarem essa realidade. “O Transitando [uma das 12 ações do Cria] foi um projeto que eu inscrevi a partir do programa Active Citizens, uma parceria entre o Consulado Britânico e a Redes da Maré, para mobilizar os jovens e adolescentes a saírem mais da comunidade onde moram. Por exemplo, eu moro aqui na Nova Holanda e eu sempre tive muita liberdade de sair, de ir ao centro da cidade, ao museu, e vi que muitos jovens, muitos adolescentes que eu conheço falavam: ‘nossa, Gabi, você sai muito!’ E eu falava: ‘Gente, por que vocês não vão comigo?’ E eu via que muita gente tinha limitação financeira. Por isso, eu pensei: ‘cara, se esse projeto passar, eu vou tentar carregar o máximo de jovens, de pessoas, para que vá além do projeto.

Para que as pessoas vejam que vale a pena ir [conhecer a cidade] e é isso que eu estou fazendo”.

Do Cria, nasce o Transitando

O Cria, iniciativa que tem como objetivo atuar na formação e mentoria de projetos de jovens da Maré, financiou o “Transitando”, foi pensado para estimular a capacitação de líderes comunitários e já incentivou a criação de nove iniciativas, todas voltadas para esses jovens. No caso da Gabi, o projeto só impulsionou e replicou em uma escala maior o que a jovem já fazia. Depois de o “Transitando” ser aprovado, Gabi começou a recrutar os participantes. Dos mais de 22 jovens que compraram a ideia e que participaram dos passeios realizados e financiados pelo projeto, quatro deles são: **Jobson Whilte, Ariane Vitória Souza de Macedo Jonatan Peixoto de Castro e Kamili Rodrigues**. Todos moradores da Maré.

Os rolês, como chama Gabi, incluíram uma ida ao Museu Nacional de Belas Artes, no Centro, a uma sessão de cinema, a uma apresentação de balé no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, uma caminhada pela Trilha da Urca e uma visita ao Cristo Redentor.

Experiência inovadora

Jobson foi ao primeiro passeio, ao Museu, uma experiência que o marcou. “Eu gostei bastante, achei algo bem-inova-



Gabi (em pé, de bermuda) e jovens do Transitando: descobrindo o Rio

dor. Não é fácil, pra mim, vir a lugares assim. Primeiro, eu não sei como me movimentar por esses lugares. E eu não sou muito desse ambiente”. Jonatan, Ariane e Kamili foram ao passeio ao Cristo Redentor. “O projeto me deixou com um olhar diferente, um olhar mais crítico, de que é possível frequentar os lugares que é colocado pra você, que você não pode, que não está dentro das suas condições de vida”, diz Jonatan.

Para ele, o principal motivo para o jovem morador da Maré não andar muito pela cidade é o medo de não ser aceito. “Muitos têm medo de olhar a própria cidade e ser olhado como favelado, como quem não tem perspectiva de vida e é sempre castigado pelo Estado”.

“Só andava pela cidade quando era realmente necessário, então foram poucas vezes. Só gratidão ao Transitando. Foi incrível, experiências ótimas que levarei junto comigo. Pude apreciar

lugares incríveis e foi muito gratificante para mim, pois nunca me imaginei viver isso, por mais simples que seja aos olhos de outras pessoas. Agora eu tenho conhecimento sobre outras coisas diferentes, sem ser essa ‘caixinha fechada”.

Em fase de finalização, Gabi diz que vai manter a página no Facebook ativa e, mesmo com as dificuldades financeiras, pretende manter o grupo. “A gente está se programando, pra quando terminar o orçamento, continuar fazendo esses rolês, por fora, juntar dinheiro. Porque partiu deles também. De falar, ‘vamos continuar? Vamos!’. Não da mesma forma, porque a gente não tem esse dinheiro todo, mas a gente ‘tá’ querendo continuar e fazer com que página do Facebook seja esse lugar pra gente se encontrar”, finaliza a jovem.

CONJUNTO ESPERANÇA

Bar do Grande

Sextas - DJ - 19h
Sábados - Baile *Funk* - 23h
Domingo - Roda de Samba - 19h
Localização - Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322

MORRO DO TIMBAU

Dogueria Resenha

O *Food Truck* carioca, especializado em *hot dog* artesanal, já aparece como um dos espaços mais “bombados” do momento, com pelo menos três eventos semanais.
Quando - sextas, sábados e domingos
Horário - a partir das 22h
Localização - Avenida Guilhermê Maxwel, 95

NOVA HOLANDA

Baile Funk da NH

Quando - sábados
Horário - a partir das 22h
Localização - Rua Teixeira Ribeiro - alguns eventos acontecem no Campo da Paty

Pagofunk da BT

Acontece na rua que dá nome à festa.
Quando - quintas
Horário - a partir das 22h
Localização - Rua Bitencourt Sampaio

A Biblioteca Lima Barreto e a Sala Infantil Maria Clara Machado

funcionarão, em janeiro, das 12h às 18h, na Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda

PARQUE MARÉ

Baile Charme da Teixeira

Quando - domingos
Horário - a partir das 20h
Localização - Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria

PARQUE UNIÃO

Baile Funk do PU

Quando - sextas
Horário - a partir das 23h
Localização - Rua Ari Leão

Roda Cultural do Parque União

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.
Quando - sextas
Horário - 18h
Localização - Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão

Baile Retrô

Baile *funk* da antiga e charme.
Quando - domingo
Horário - a partir das 23h
Localização - Rua Roberto da Silveira

Praça do Parque União

O forró da Praça é um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.
Quando - domingos
Horário - a partir das 22h
Localização - após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

BBBar

Tradicional *Pagofunk* já famoso na Maré e fora dela.
Quando - sábados
Horário - a partir das 22h
Localização - Rua Larga

PRAIA DE RAMOS

Pagode do Litrão

Pagofunk sempre com uma atração do *funk* e do pagode.
Quando - sextas
Horário - a partir das 23h
Localização - Piscinão de Ramos - Passarela 13

SALSA E MERENGUE

Pagode da C11

Um dos eventos mais tradicionais de *funk* e pagode da Maré.
Quando - sextas e domingos
Horário - a partir das 22h
Localização - Via C11

VILA DO JOÃO

Baile da V.J

Quando - sábados
Horário - a partir das 23h
Localização - Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

Estrela da Vila

Barzinho com boa música ao vivo
Quando - quinta a domingo
Horário - 20h
Localização - Rua Quatorze, 322

VILA DOS PINHEIROS

Tabacaria Dread Locks

Shows de bandas do cenário alternativo do *rock*, *reggae*, *rap* e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.
Quando - sextas e sábados
Horário - a partir das 20h
Localização - Via B9 - em frente ao bloco 1

Museu da Vida

Onde: Fiocruz - Av. Brasil, nº 4.365, Manguinhos (ao chegar ao campus Manguinhos da Fiocruz, é só se dirigir ao Centro de Recepção do Museu da Vida, mais conhecido como Estação do Trenzinho).

Todas as atividades são gratuitas e não precisam ser agendadas. É necessário levar documento com foto.

Horário: de terça a sexta, das 9h às 16h30

Programação Especial de Férias

TERÇAS-FEIRAS

“Segredos do Castelo”

Exposição Insetos Ilustrados (até 31 de janeiro)
Local: Castelo
Horário: 9h, 10h, 11h, 13h30, 14h30 e 15h30 (junto com visita ao Castelo)
Idade: a partir de oito anos

Avental de Histórias: Oswaldo Cruz e seu Castelo (a partir de 8 de janeiro)
Local: Castelo
Horário: 10h e 14h30
Duração: uma hora (Avental e visita ao Castelo)
Idade: de cinco a oito anos
Lotação: 40 pessoas*

Visita à Reserva Técnica do Museu da Vida (a partir de 8 de janeiro)
Local: Reserva Técnica
Horário: 13h30
Duração: uma hora
Idade: livre
Lotação: 10 pessoas*

Quartas-Feiras
“Ciência e Arte”
Desenho Científico (a partir de 9 de janeiro)
Local: Epidauro
Horário: 10h
Duração: uma hora
Idade: a partir de 12 anos
Lotação: 40 pessoas*

QUARTAS-FEIRAS

“Ciência e Arte”

Desenho Científico (a partir de 9 de janeiro)
Local: Epidauro
Horário: 10h
Duração: uma hora
Idade: a partir de 12 anos
Lotação: 40 pessoas*

Robótica (a partir de 9 de janeiro)
Local: Epidauro
Horário: 14h30
Duração: uma hora
Idade: a partir de 12 anos
Lotação: 25 pessoas*

QUINTAS-FEIRAS

“Experimentações”

A química por trás do slime (a partir de 3 de janeiro)
Local: Pirâmide (sala da experimentação)
Horário: 10h e 11h
Duração: uma hora
Idade: a partir dos cinco anos
Lotação: 25 crianças* (com os responsáveis)
Há vida na gota d’água? (dias 3 e 17 de janeiro)

Local: Pirâmide
Horário: 13h30
Duração: uma hora
Idade: a partir de seis anos
Lotação: 40 pessoas*

Conhecendo o Aedes (dias 10 e 31 de janeiro)

Local: Pirâmide
Horário: 13h30
Duração: uma hora
Idade: a partir de sete anos
Lotação: 40 pessoas*

SEXTAS-FEIRAS

“De Olho na Natureza”

Trilha Científica Oswaldo Cruz (a partir de 4 de janeiro)

Local: a atividade tem início no Centro de Recepção
Horário: 9h e 15h30
Duração: uma hora
Idade: a partir de sete anos
Lotação: 40 pessoas*

Cadê as Borboletas? (a partir de 4 de janeiro)

Local: Borboletário
Horário: 10h e 14h30
Duração: uma hora
Idade: a partir de cinco anos
Lotação: 15 pessoas*

Visita à Reserva Técnica do Museu da Vida (a partir de 11 de janeiro)

Local: Reserva Técnica
Horário: 11h
Duração: uma hora
Idade: livre
Lotação: 10 pessoas*

SÁBADOS

Aos sábados, das 10h às 16h, são realizadas visitas ao Borboletário, ao Parque da Ciência, à Pirâmide, ao Laboratório de Percepção (localizado no Epidauro) e à exposição Manguinhos Revelado (no Pavilhão do Relógio).

Também acontecem visitas ao Castelo às 10h10, 11h, 11h50, 12h40, 13h30, 14h20 e 15h10 (incluindo Insetos Ilustrados). Atenção: as visitas também podem ser feitas de terça a sexta.

*** Para as atividades sujeitas à lotação, a distribuição de senhas é feita por turno (manhã e tarde) no Centro de Recepção.**

Aos domingos e segundas-feiras, o Museu da Vida não abre.

Mulheres de todas as raças e classes, uni-vos!

Racismo e desigualdades de classe são questões comuns às mulheres da América Latina

JÉSSICA PIRES

Dos meus 27 anos, todos eles eu vivi tendo como referência as mulheres da Maré. Da minha mãe à Marielle Franco. Faço parte de uma Produtora de Comunicação daqui também, a AMarÉVê. A Produtora é formada por quatro jovens mulheres negras da Maré e trabalhamos com comunicação, dando outros significados às narrativas mal construídas sobre o nosso território. E, no fim de 2018, fui convidada para participar de um Encontro de Mulheres da América Latina, o ELLA.

O Encontro aconteceu na cidade de La Plata, que fica a 56 km de Buenos Aires, capital da Argentina. É importante frisar que, de acordo com o Jornal EL País, a Argentina possui apenas 3% da população negra, e percebemos isso nas ruas de La Plata. Um cenário completamente diferente para nós.

O ELLA aconteceu de 7 a 10 de dezembro, na Faculdade de Humanidades da Universidade de La Plata. Mais de mil mulheres de cada canto do continente ocuparam a Universidade, consequentemente frequentada, em sua maioria, por pessoas brancas, para discutir pautas sobre os direitos das mulheres. Foram discutidos violência, trabalho, maternidade, políticas públicas, sexualidade, comunicação e outros temas entre negras, indígenas, brancas, gordas, magras, lésbicas, transexuais, travestis, ciganas, católicas, de matrizes

africanas, evangélicas, camponesas, periféricas, urbanas, com deficiência, encarceradas e muitas outras. Uma diversidade enorme. Isso, sim, nos lembrou a diversidade da nossa Maré.

Muitas nacionalidades, mesmos problemas

A Argentina vive um momento político conturbado, com o retorno do neoliberalismo, uma proposta de governo que diminui a intervenção do Estado na economia. E as mulheres têm exercido um papel muito importante e inspirador na luta pela garantia de direitos na região. Esse foi um dos motivos de o país ter sido escolhido para essa edição do ELLA, de acordo com as organizadoras. O curioso foi irmos até lá, para perceber que muitas das questões das mulheres negras, indígenas e transexuais dos países da América Latina são parecidas a das Mulheres do Brasil e da Maré. E é sobre isso que preciso falar aqui.

Durante os quatro dias do Encontro, vivemos trocas incríveis, mas também sentimos na pele o reflexo desses dados presentes nas estruturas da sociedade. Mulheres negras, indígenas e transexuais passaram por situações de discriminação durante o evento. A nossa resposta foi a escrita de um Manifesto e um pedido de resposta da organização do Encontro e um ato marcante, que encerrou o ELLA e culminou na fundação de uma Rede La-



Protesto: episódios de racismo e transfobia marcaram negativamente o ELLA

tino-Americana de Mulheres Negras, Indígenas e Transexuais. Entendemos que erramos ao imaginar que episódios como esse não aconteceriam em ambientes assim e tomamos consciência da importância de nos organizarmos e mobilizarmos para nos fortalecermos.

O aprendizado que fica desse Encontro com as mulheres da América Latina é que as desi-

gualdades entre homens e mulheres ainda são enormes, e as que existem entre mulheres de raças e classes diferentes também. E nós devemos conversar. Nós, mulheres da Maré, mulheres negras, indígenas, transexuais devemos, cada vez mais, nos ouvir, para identificar e construir formas de nos proteger e fortalecer. Fortalecer, antes de virarmos dados e estatísticas.

OS NÚMEROS DO MACHISMO:

**12 MULHERES
SÃO ASSASSINADAS
POR DIA
NO BRASIL**

**63.116
CASOS DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA
DE JAN A JUL/2018**

**DE 10 HOMICÍDIOS
NA AMÉRICA LATINA E CARIBE
4 SÃO NO BRASIL**

**2.396
CASOS DE CÁRCERE
PRIVADO
DE JAN A JUL/2018**

**O PARCEIRO
(MARIDO OU NAMORADO)
É O RESPONSÁVEL
POR MAIS DE 80% DOS CASOS
DE VIOLÊNCIA REPORTADOS
CONTRA A MULHER**